

Elpídio Pimentel e o anúncio de uma educação especial no ano de 1923 no Espírito Santo¹

Elpídio Pimentel and the notice of a special education in the year of 1923 in the Espírito Santo state.

Fernanda Ferreyro Monticelli*¹

Palavras-chave

Elpídio Pimentel;
Educação Especial;
Educação dos
Ortofrênicos;
Primeira República.

Resumo: O texto inclina-se sobre o manual pedagógico *Postillas Pedagógicas*, especificamente na parte que versa sobre o ensino primário especial ou ortofrênico, termos utilizados por Elpídio Pimentel para referir-se ao ensino dos subnormais escolares (na atualidade, alunos com deficiência). Objetiva-se compartilhar as primeiras traduções feitas para a sociedade espírito-santense no período da Primeira República a respeito dos conhecimentos do centro europeu sobre a educação especial. O aporte teórico deste estudo se embasa em Boaventura de Sousa Santos (2008). O estudo adota a abordagem histórica e utiliza como principal ferramenta metodológica a análise bibliográfica com suporte no manual didático citado, além de análise documental, por meio dos relatórios de presidentes de estado. A socialização de uma parte do manual didático relativo à história da educação especial traduz um dos primeiros materiais impressos com linguagem dirigida aos educadores sobre aqueles que, até então, habitavam a esfera da invisibilidade no espaço escolar. Nesse aspecto, as palavras de Elpídio Pimentel expressam atitude de vanguarda ao apontar para o ingresso de novas identidades na educação.

Keywords:

*Elpídio Pimentel;
Special Education;
Orthophrenic Education;
First Republic.*

Abstract: *The article bases on the pedagogical manual *Postillas Pedagogicas*, specifically on the part that dialogue about special primary education, term used by Elpidio Pimentel as a reference to the subnormal students' education. The objective is to share the firsts translations made for the community of Espírito Santo on the period of the First*

¹ Recebido em 25/07/2015. A aceito para publicação em 14/03/2016.

*¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo, na linha de pesquisa "Diversidades e Práticas Educacionais Inclusivas". Atua como pedagoga pela Secretaria Municipal de Vitória na área de Educação - Ensino Fundamental. E.mail: fmonticelli33@gmail.com.

Republic in respect to the knowledge of central Europe about special education. The theory of this study rely on Boaventura de Souza Santos (2008). The study adopts an historical approach and, in addition, a bibliographic analysis of the didactic manual. Furthermore, a documental analysis of reports of state presidents and education inspectors. The socialization of the didactic manual in regards to special education is extreme important to tutelage community for being one of the firsts press materials with a language addressed to educators that covers those that were invisible to such environment in schools. For this reason, the words of Elpidio Pimentel express a brave attitude towards the ingress of new identities on education.

Um pouco do educador Elpídio Pimentel

Inicialmente, o que falar do escritor e educador Elpídio Pimentel? Sobre a totalidade, de pouco se sabe. Mas é possível falar de uma concepção de sujeito/escritor. Elpídio Pimentel é uma pessoa e, nesta condição, ele é muito mais do que a representação de um grupo de educadores, da sociedade espírito-santense, de ideias nacionalistas ou de um grupo de literatos. Como pessoa, leva com ele o silêncio das suas ideias, tanto quanto expressa silenciamentos. A diferença entre a primeira situação e a segunda nem sempre é possível ser detectada, visto que o interpretável o é também da ordem do intérprete. Elpídio Pimentel cativa o leitor, pois seu texto discorre sobre informações históricas e filosóficas como se o leitor estivesse diante dele. Mostra espontaneidade, liberdade de pensamento e coragem de escrever sobre assuntos delicados para a época.

Um dos pontos que se destaca da obra de Elpídio Pimentel é sua linguagem pela positividade, a qual pode ser sintetizada quando afirma que a educação dos anormais consiste em descobrir, nos estudantes, não "o que elles ignoram, mas o que sabem ou poderão aprender" (PIMENTEL, E. 1923, p. 742). Este discurso de prática pedagógica é como uma centelha de luz em meio aos discursos de denúncia, ou seja, das práticas de verificação do que faltava aos alunos.

Pode-se afirmar que, no ano de 1923, um dos professores engajados na defesa por uma sociedade espírito-santense mais emancipada pelo conhecimento foi o professor Elpídio Pimentel, nascido no ano de 1894, no município de Serra, no Estado do Espírito Santo. Além de formar-se como advogado, centrou sua atuação como jornalista e professor. Como jornalista, foi o editor do órgão oficial do Estado, pelo jornal "O Diário da Manhã", no qual escrevia uma coluna muito lida e apreciada: "O que os pais devem ler". Além disso, dirigiu a revista *Vida Capichaba*, que em 1954 liderou nas bancas de revista. Foi nomeado diretor de Administração do Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), sendo, no mesmo ano, eleito membro vitalício da Federação das Academias de Letras do Brasil. Foi membro fundador da Academia Espírito-santense de Letras. Dentre suas publicações citam-se: *Um*

punhado de galicismo, em 1917; *Origem e evolução da linguagem*, em 1922; *Postillas Pedagógicas* em 1923; *Catálogo florestal e álbum do Espírito Santo*, em 1922; e *Quando o Penedo falava... história dialogada do Estado do Espírito Santo*, em 1927 (ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS, acesso em 20 fev. 2011).

Em sua atuação como professor, Elpídio Pimentel representou o Espírito Santo, como delegado único, no 4º Congresso Nacional de Instrução Superior e Secundária, realizado no Rio de Janeiro em 1922. Na década de 1930, foi representante do Estado Novo, de Getúlio Vargas, no Espírito Santo. Serviu, gratuitamente, ao Governo Federal, como membro da Junta de Conciliação do Espírito Santo, órgão auxiliar da Inspeção Regional do Trabalho, entre os anos de 1934 a 1936. Em 1939, já residindo no Rio de Janeiro, prestou concurso e passou a fazer parte do corpo docente do Colégio Pedro II, como professor de Português (ACADEMIA ESPÍRITO-SANTENSE DE LETRAS, acesso em 20 fev. 2011) e Literatura na Escola Normal Pedro II, considerada esta a única escola padrão para as demais escolas, na medida em que o ensino Normal no Brasil, até 1946, era descentralizado regionalmente (KULESKA, 2011).

Uma das obras escritas pelo professor capixaba e mais lidas por educadores, de acordo com Schwartz (2008), foi o manual didático *Postillas Pedagógicas*. Conforme o período de edição, de acordo com Silva e Catani (2011), deduz-se que o educador faz parte daqueles que abordam as construções da excelência docente com privilégio para a figura do aluno.

Processos metodológicos do estudo

O texto se inclina sobre o manual pedagógico *Postillas Pedagógicas*, especificamente na parte que versa sobre o ensino primário especial ou ortofrênico, termos utilizados por Elpídio Pimentel para se referir ao ensino dos "subnormais escolares" (na atualidade, alunos com deficiência). A obra no seu conjunto não será tomada na sua totalidade como objeto de estudo, considerando que este trabalho se ocupa mais com a educação ortofrênica ou especial, embora sejam apresentadas frases de outras partes do livro sempre que se encadear com a temática.

A apresentação das traduções feitas por Elpídio Pimentel adota como premissa a compreensão de que os seres humanos são situados historicamente e, portanto, se parecem com seu tempo (BLOCH, 2001). A expressão "traduções" ora utilizada é feita com base no "Trabalho de Tradução" sugerida por Santos (2008), a qual incide tanto sobre os saberes como sobre as práticas e seus agentes. Os saberes, neste caso, em sua maior parte foram produzidos em uma visão eurocêntrica e parte deles socializados por Elpídio Pimentel. A tradução é, no entender de Santos (2008), um trabalho emocional, além de intelectual e político, pois pressupõe o inconformismo perante uma carência decorrente do caráter deficiente de um dado conhecimento ou prática.

A tradução é feita entre o presente e o passado. Do presente, o compromisso de se fazer história em seu próprio tempo; do passado, a busca da compreensão, por meio da formulação de problemas e questões. É escavando nas representações inacabadas ou suprimidas da modernidade – no caso, na racionalidade estético-expressiva contida no manual didático – que é

possível identificar algumas virtualidades emancipatórias, elas próprias inacabadas (SANTOS, 2001). Portanto, o estudo adota a abordagem histórica e utiliza o manual didático como principal ferramenta de análise bibliográfica. Além disso, serve-se de outros materiais de estudo, como relatórios de presidentes de estado e de inspetores de ensino, para fazer análise documental. Todos os documentos são valiosos (BLOCH, 2001) para compor o entendimento do passado.

Diversidade na educação: primeiros rabiscos no Espírito Santo em 1923?

Se até o Império a educação apresentava uma configuração elitista e seletiva, após a República se inicia a ampliação da oferta de escola para diferentes classes e grupos sociais. O manual didático *Postillas Pedagógicas*, publicado em 1923 e endereçado aos educadores, aborda sobre educação, diferenças entre *educação e pedagogia*, esta última compreendida como ciência. Contudo, vai além, ao discutir a educação para o campo, para o indígena, para os jovens e adultos que não tiveram acesso até então, bem como para as crianças e jovens considerados "anormais". Elpídio Pimentel utiliza vários argumentos para defender a educação e o aumento do número de escolas. Além da disponibilização de mais recursos financeiros para a escola, argumenta em prol dos diferentes tipos de educação. Para a educação das crianças de oito anos, traduz a necessidade de uma escola mais dinâmica/ativa e menos autoritária. Desse modo, defende pela literatura acadêmica o que Machado de Assis (1839-1908) fez pela ficção ao publicar, em 1896, "Conto de Escola". Em seguida, o livro versa sobre a *história da pedagogia*, tanto em países ocidentais como orientais. Pimentel (1923) demonstra uma visão cosmopolita ao revelar que existem outras culturas que produzem conhecimentos significativos. Pronuncia críticas aos escritores viajantes, que observavam "[...] superficialmente os tipos brasileiros sem os analisar, pesquisar a causa das suas misérias" (PIMENTEL, 1923, p. 312). Esta observação denota, mais do que um escritor nacionalista, uma crítica aos olhares de fora, cujos julgamentos eram feitos com base no que consideravam como valores/verdades. É como se, indiretamente, Pimentel defendesse que o que é considerado problema deveria partir dos "próprios" brasileiros, para quem creditava o apreço ao trabalho. Se alguns autores estrangeiros denunciavam a indolência do povo brasileiro, o autor afirma que este se "[...] consagra inteiramente ao trabalho, sem apreço a devaneios, entretanto engastalhado pelo analfabetismo" (PIMENTEL, 1923, p. 312).

No capítulo em que versa sobre *educação popular*, verifica-se que, na época, esta expressão era utilizada não para designar uma proposta político-metodológica, como o foi nos anos 60, e sim considerada como ampliação do número de escolas para um número maior de estudantes.

Pimentel foi um advogado e escritor renomado, o que, naquele contexto histórico de analfabetismo, talvez o impedisse de obter um olhar menos sexista, se usarmos as palavras de Santos (2008), diante do dualismo elite/povo. Assim, ancorado no livro "Problemas da educação", de Carneiro Leão, defendera uma educação minimalista para as pessoas do *campo*.

À gente rústica dos campos basta saber ler, assinar seus nomes, algumas noções de moral e civismo, rudimentos de cálculo com os elementos fundamentais de uma profissão qualquer. Isto bastará [...], literatices não incrementam searas" [...] Dai, legisladores, às pessoas rurais, ensino prático, útil de resultados imediatos (PIMENTEL, 1923, p. 298).

Seu lado humanitário, entretanto, era mais forte, pois após diferenciar o ensino com um currículo mínimo para a área rural, dirige-se aos povos *indígenas* e aborda o alheamento a que estavam sujeitos por viverem em estado de "seráfica inconsciência". Lamenta os povos indígenas terem ficado relegados à mais completa "[...] ignorância [que é a] da própria ignorância" (PIMENTEL, 1923, p. 299). Na vigência do colonialismo, fragmentos de solidariedade foram enunciados na modernidade dos anos 20, ao almejar mais conhecimento via educação.

O professor Elpídio Pimentel não se furtou a inserir suas preocupações em relação a cada segmento diferenciado quanto aos conhecimentos. Disserta sobre a educação popular, agora entendida também como *educação profissionalizante*.

O Brasil só será verdadeiramente grande e opulento quando os estabelecimentos profissionais – os liceus de artes e ofícios, as escolas de aprendizes e artífices, as aulas de datilografia, de estenografia, de correspondência comercial, de contabilidade mercantil, etc. se espalharem fartamente pelas villas litorâneas e localidades sertanejas, acabando com as legiões de párias sem profissão que nos infelicitam (PIMENTEL, 1923, 309).

De acordo com Pimentel, face à rejeição dos hospitais e às escolas que repelem os anormais é que se "[...] criaram as humanitarias escolas profissionais onde são paciente e cuidadosamente instruídos" (PIMENTEL, 1923, p. 415). Segue o autor em afirmar que diante de tamanha exclusão por parte da saúde e das escolas regulares, as escolas profissionais foram criadas como alternativa para os jovens com deficiências mentais.

Após dissertar sobre educação popular (na quarta parte do livro – capítulos I, II, III e IV), Pimentel (1923) desenvolve sobre a missão do professor e como bons professores instruem e educam. No capítulo seguinte, aborda sobre a alma humana e a educação da vontade. E no capítulo VII do livro, Elpídio Pimentel aborda a educação ortofrênica.

Educação ortofrênica

O termo ortofrenia remete ao trabalho realizado por Félix Voisin (1794-1872) no Instituto de Ortofrenia criado por ele na França, em 1834. O objetivo, diferentemente de uma visão inatista, consistia na correção intelectual/moral ou no "endireitamento" do indivíduo desajustado. Félix Voisin foi discípulo de Esquirol (1772-1840), o qual trabalhou junto a Phillipe Pinel (1745-1826) no Hospital de Salpêtrière, em Paris (LOBO, 2008). Binet, na França, utilizara esta expressão em 1907, com a publicação "Crianças anormais" (ZAZZO, 2010).

Como já mencionado, no manual *Postillas Pedagógicas* Elpídio Pimentel explana sobre a pedagogia concebida como ciência e sobre a história da pedagogia. Após, apresenta a didática da pedagogia. É nesta parte que o professor aborda sobre educação popular, educação ortofrênica, antropometria, faculdades mentais, dentre outras temáticas. O contexto em que o educador escreve o livro era de primazia à ordem social, e é nesse período que a área médica se alia à educação ao salientar, pela individualidade, o uso do termo ortofrenia, ou seja, a correção do que estava torto (GARCIA, 2010).

No livro *Postillas Pedagógicas*, Elpídio Pimentel alertou a população espírito-santense sobre a necessidade de se implementarem políticas de atendimento às crianças subnormais e advertiu: "À higiene, à medicina e à ginástica se devem os mais evidentes triunfos da sanidade do sistema orgânico" (PIMENTEL, 1923, p. 397).

Tradução das práticas de classificação (dos ortofrênicos)

No que se refere à ortofrenia, Pimentel (1923, p. 415) traduz a importância do cuidado e da tolerância para com os alunos, pois "são seres infelizes que o hospital rejeita à conta de sua sanidade regular [...]". Deixa evidente o processo de seleção escolar por meio da realização de exames quando prossegue que:

[...] a escola repele, por incapazes mediante o exame psíquico-físico ou anátomo-fisiológico. [...] Por isso é que se criaram as humanitárias escolas profissionais, onde são paciente e cuidadosamente instruídos (PIMENTEL, 1923, p. 415).

À escola profissional seriam encaminhados os alunos examinados e desqualificados para a apropriação de conhecimentos que exigiam maior nível de abstração. De acordo com Pimentel (1923), após ser escolarmente examinados, a classificação determinava que os anormais educáveis eram os retardatários escolares ou atrasados pedagógicos. Estes caracterizavam-se "[...] pela sua obtusidade, compreensibilidade obscura, deficiência de memória, imaginação pobre" (PIMENTEL, 1923, p. 415). Por sua vez, os não educáveis reclamariam educação especialíssima em asilos apropriados e englobariam a classe dos "[...] imbecis, excêntricos, gibosos, raquíticos, surdos-mudos, cegos, gagos, idiotas, estrábicos, míopes etc." (PIMENTEL, 1923, p. 415). Todas as crianças cuja atividade escolar não correspondesse à idade fariam parte do grupo de anormais. Estes, quando ineducáveis, recebiam dos médicos o nome de "verdadeiros" ou "psíquicos anormais" (PIMENTEL, 1923). De acordo com Pimentel (1923), alguns autores dividem os anormais em psíquicos ou espirituais, sensoriais e físicos ou corpóreos. Os anormais do hospício ou patológicos seriam absolutamente ineducáveis, enquanto os outros, "[...] os anormais da escola, com habilidade e paciência poderiam ser educados e instruídos" (PIMENTEL, 1923, p. 416). Faziam parte do primeiro grupo "[...] os cretinos, os idiotas, os epiléticos, os nevrostênicos, os coréicos, os histéricos, os pervertidos morais, os paralíticos, os hemiplégicos etc." (PIMENTEL, 1923, p. 416). Do segundo grupo "[...] são fatores os retardados, atardados,

retardatários ou débeis intelectuais, ou instáveis contumazes. Na gíria escolar, são conhecidos pelo nome de indisciplinados, os atípicos, os lerdos, os inquietos, os tímidos, os estourados, etc” (PIMENTEL, 1923, p. 416).

Anormais sensoriais eram considerados os afônicos, surdos-mudos e cegos. Os anormais físicos compreendiam os coxos, manetas, cambaios, pernibambos, arcados, xexens, pernetas, zarolhos, etc.

As anomalias corpóreas ou os estigmas de degeneração eram permanentes ou fixas e objetivas, ao passo que as outras eram, algumas vezes, de caráter transitório e subjetivas. Quanto aos desequilíbrios de espírito seriam originados por “[...] perturbações intelectuais, desvios orgânicos, grandes comoções, traumatismos, estafa intelectual, contágios psíquicos, etc.” (PIMENTEL, 1923, p. 416).

Alguns pedagogos enquadravam os anômalos pelo caráter que apresentavam como indisciplinados, miopáticos, apáticos, astênicos (acometido por sentimentos mórbidos ou depressivos). No período analisado, eram considerados ineducáveis os que não se adaptavam à vida social. Por sua vez, “[...] os surdos-mudos e cegos têm encontrado, no mundo, almas nobres e generosas, que, condoídas de seu humílico estado social, se tem ocupado afincamente em lhes diminuir os atroztes infortúnios” (PIMENTEL, 1923, p. 417).

Toda essa preocupação em apresentar estas formas de enquadrar, classificar as pessoas humanas consideradas diferentes do padrão desenvolvimentista almejado pela sociedade da época é justificada face àquele contexto no qual havia a preocupação em abranger a totalidade em um manual didático impresso, que para aquele tempo se tratava de um material de formação de professores dispendioso. Pouquíssimos educadores teriam acesso a este recurso.

Pela leitura do trabalho de Bastos (2006), constata-se uma certa semelhança com outros manuais didáticos que tiveram como objetivo instrumentalizar pela ciência as práticas pedagógicas, além de afirmar a pedagogia como ciência da educação.

Por sua vez, é de se pensar os efeitos que teriam causado a obsessão pela ideia de totalidade ao classificar sujeitos desse modo. Naquele tipo de preocupação com a ordem, não existe um sujeito historicamente situado, um sujeito que vive e que pulsa, que sente, que aprende. O que existe é uma monocultura da naturalização das diferenças (SANTOS, 2008), a qual engloba diferentes tipos humanos em uma ideia de totalidade, qual seja, a dos anormais.

Tradução dos saberes, das práticas da educação ortofrênica e dos seus agentes

Elpídio Pimentel (1923), ao mencionar os primeiros educadores que se envolveram com crianças e jovens ortofrênicos, sugere uma postura menos contemplativa diante do diagnóstico e mais ativa por parte do educador. Para o filólogo, quem primeiro criou um processo de ensino para surdos-mudos foi o

frade beneditino Pedro de Ponce de Leon (1520-1584). O frade espanhol “[...] ensinou a alguns companheiros da comunidade, que eram surdos-mudos com positivo êxito” (PIMENTEL, 1923, p. 417) e conseguiu, por um processo engenhoso, que “[...] seus alunos conversassem, escrevessem, calculassem, rezassem em voz alta e ajudassem na missa” (PIMENTEL, 1923, p. 417). Além disso, esses alunos expressavam-se em latim, grego e italiano e se adiantavam em astronomia e física. “Tudo isso faziam por mímica ou por meio da leitura. Só não se desenvolveu neles a leitura labial” (PIMENTEL, 1923, p. 417). Pimentel continua a transmitir uma linguagem positiva ao dizer que “[...] várias tentativas brilhantes têm havido, nesse sentido, em todo o mundo, para a educação dos ortofrênicos mudos-surdos, como o método oral, hoje vulgarizadíssimo” (PIMENTEL, 1923, p. 417). E aponta que institutos para a educação dos anormais existem em toda a parte.

Quanto aos educadores da desmutização, Pimentel afirma que o método tomou caráter oficial com o Abade de L’Epée (1712-1789), no século XVIII, criador de uma escola em Paris, em 1750, que atravessou fronteiras, pois “[...] auxiliou a criação de estabelecimentos congêneres noutras cidades francesas, na Dinamarca, na Suíça, na Itália, na Áustria, na Alemanha e na Espanha” (PIMENTEL, 1923, p. 418). Enquanto o “[...] abade Charles Michel de L’Epée preconizou convictamente o método mímico, na educação dos seus anormais” (PIMENTEL, 1923, p. 418), Pimentel chama Jean Itard (1774-1838), médico e educador do menino considerado selvagem, de intransigente, por ser o defensor do método articulado ou oral, naquela época também conhecido por leitura labial; entretanto elogia seu trabalho mais célebre, *Tratado das doenças do ouvido e da audição e da educação fisiológica do sentido auditivo dos surdos-mudos*, e menciona que fez grande ruído e êxito “[...] com a educação paciente, inteligente e proveitosa do célebre menino surdo de 12 anos, que encontrou, ao seu tempo, esfarrapado, quase nu, faminto, com o corpo chagado, errante e abandonado nos bosques de Aveyron”. De acordo com Pimentel (1923), “[...] com essa cuidadosa educação experimental, Itard deu um grande impulso à pedagogia científica” (PIMENTEL, 1923, p. 419). Este trabalho foi divulgado: *Rapports et memoires sur Le sauvage de l’Aveyron*.

Quanto aos cegos, Pimentel reforça o caráter corretivo ao afirmar que Luiz Braille foi o autor de um engenhoso sistema para corrigir a cegueira. Entretanto, antes dele, Pimentel (1923) ressalta que houve outras tentativas para a educação dos cegos, como a empreendida por Valentim Haüy (1745-1822), francês, do século XVIII. Este, em Paris, ao se sentir condoído das zombarias com que “[...] uma orquestra de cegos era tratada pelos que escutavam os acordes harmoniosos, teria se dedicado caridosa e pertinazmente à cultura literária e musical dos cegos, livrando-os daqueles irrisões” (PIMENTEL, 1923, p. 420). Valentin Haüy escreveu o trabalho *Essai sur l’éducation des aveugles* e esteve em Petrgrado, organizando, a convite da czarina, escolas para a educação de cegos. Em Berlim também pôde instalar importantes institutos para esse fim.

Outro processo diferente de comunicação foi empreendido por Max Hertz (1876-1948), da Universidade de Viena. Cego há longos anos, “[...] inventou um novo sistema de leitura para os seus companheiros de infortúnio” (PIMENTEL, 1923, p. 420). Conforme o educador, ao contrário do sistema de

Braille, que depende principalmente do sentido tátil, o processo de Hertz serve-se do som, que um gramofone repete segundo o alfabeto telegráfico de Morse.

Dentre os primeiros educadores, Pimentel (1923) lembra a médica italiana vanguardista Maria Montessori. Relata o autor que a cientista se tornou psiquiatra e, à custa de pacientes observações, exerceu a prática da pedagogia, contribuindo para a melhoria do exercício desta ciência educativa. Segundo o relato, Maria Montessori seguiu de perto os conselhos e experiências dos especialistas Itard e Séguin no que se refere ao tratamento dos subnormais (PIMENTEL, 1923). Seu processo consistia em educar as faculdades falhas com renovados exercícios de educação física. Orientou-se por Froebel, fundando escolas ao ar livre, jardins infantis, com processos didáticos simples, intuitivos e interessantes, de acordo com as aptidões das crianças.

Elpídio Pimentel recomendara aos professores para que seguissem de perto as doutrinas e conselhos de educadores e higienistas, dentre os quais cita Graça Affreizo, João de Barros, Agostinho de Campos, Adolpho Lima, Alberto Pimentel. O educador português Faria de Vasconcellos, com formação em Direito, torna público o livro *Lições de Pedologia e Pedagogia Experimental* no mesmo ano da publicação de Elpídio Pimentel, em 1923.

Diante de todos estes nomes e contribuições ao processo de conhecimentos necessários às práticas de "ensino especial", não se pode deixar de lembrar a expressão de Santos (2001), quando aborda o paradigma da ciência moderna. Tratou-se, sem dúvida, de uma família intelectual numerosa e instável, criativa e fascinante. Uma família que se despediu em busca de uma vida melhor a caminho doutras paragens "[...] onde o optimismo seja mais fundado e a racionalidade mais plural e onde, finalmente, o conhecimento volte a ser uma aventura encantada" (SANTOS, 2001, p. 74).

Contextos que revelam a linguagem do educador para além do seu tempo

É possível que Elpídio Pimentel tenha sido um escritor de vanguarda ao abordar, no manual didático, o que até então era da ordem do inominável neste Estado, ou seja, a presença nas escolas de crianças e adolescentes tidas por "anormais".

Até 1923 se desconhece algum manual didático escrito por um cidadão espírito-santense e que tenha abordado a educação em sua relação com a ortofrenia. O tema não era discutido. A invisibilidade dos termos existia mesmo em relação aos "alienados", expressão que se referia aos adultos. No ano de 1922, uma mensagem de governo registra, pela primeira vez após a instauração da República, um título com referência aos cuidados para com os alienados, expressão utilizada para se fazer referência aos grupos que não exercitavam sua capacidade de produção. No relatório do presidente do Estado do Espírito Santo, Nestor Gomes, consta que naquele governo

O relatório do secretário do interior ocupa-se de muitos dos assuntos subordinados ao seu departamento, como gabinete de identificação, guarda civil, Higiene Pessoal, vencimentos, instituto histórico, cadeia civil, abrigo de alienados, sanatórios, isolamentos, mendicidade, vadiagem e assistência, e lembra providências muito judiciosas sobre todos esses assuntos, que bem merecem a atenção do Poder Público (ESPÍRITO SANTO, 1922, pp. 25-26).

Conforme o relatório, a Secretaria do Interior executava várias funções vinculadas aos princípios reguladores do Estado, relativos em sua maior parte ao controle pela segregação de pessoas adultas. Se a Secretaria do Interior se ateuve aos alienados (psíquicos) e aos sanatórios, à educação foi destinada a tarefa de “regenerar” grupos sociais antes fora das escolas. Foi assim que, no mesmo ano de 1922, o secretário de Instrução, Mirabeau da Rocha Pimentel, ressaltou, no relatório endereçado ao Presidente do Estado do Espírito Santo, a necessidade de estabelecer-se o serviço de inspeção médico-escolar. O secretário argumenta, em defesa, que “por meio da escola poderá o governo regenerar a pobreza orgânica de milhares de brasileiros [...]”. E como o faria? “[...] injectando nova vida e novo sangue nas veias das populações doentias [...]”. (ESPÍRITO SANTO, 1922, p. 45). O texto denuncia a causa desta pobreza, ao afirmar “[...] que vegetam miseravelmente no seio de uma natureza luxuriante” e, ao mesmo tempo reconhece seu grande potencial ao fazer referência à “[...] bella e exuberante [de] força vital” (ESPÍRITO SANTO, 1922, p. 45). Mas por que regenerar pela educação e contando com o serviço de inspeção médico-escolar? Porque o Estado, ao velar pela saúde pública, cuidaria igualmente “[...] da formação do organismo infantil, desenvolvendo os benefícios e combatendo os maus agentes da vitalidade da creança, [que] constitue indiscutivelmente, a base de todo o ensino” (ESPÍRITO SANTO, 1922, p. 45).

Embora o secretário de Instrução tenha solicitado o serviço de inspeção médico-escolar, após acesso a vários documentos, boa parte relacionados às mensagens de governo, relatórios de secretários de instrução e documentos de escolas, não se constatou qualquer indício desse serviço, mesmo após a década de 20 e até o final da década de 40.

Sabe-se, contudo, que as crianças foram avaliadas e diagnosticadas pela via educacional, pois no ano de 1925, no governo de Florentino Ávidos (1924-1928), Mirabeau Pimentel (secretário de inspeção escolar) comandou os testes nas escolas (ESPÍRITO SANTO, 1925). Por meio dessa atividade eram feitas inferências sobre o desenvolvimento intelectual dos alunos.

“If”

Pimentel (1923, p. 767), ao final do livro, encerra com o poema “If”, do inglês Rudyard Kipling, traduzido por Mesquita Pimentel e publicado em um dos números de *O Jornal*, em 1922.

No poema, o escritor diz que:

Se

Se és capaz de conservar o juízo e a cabeça fria,
quando todos em volta perdem a cabeça;
Se podes conservar a confiança em si,
quando todos duvidam e ao mesmo tempo
levar em consideração esta desconfiança;
Se tiver força de esperar longamente sem se cansar da espera
e sendo atacado por mentiras, não te defende com mentiras;
Se sendo odiado,
não odeia os seus inimigos;
Se podes sonhar e não permites que o sonho te domine
Se podes pensar e não te contentas com fazer do pensamento o fim
da tua vida
Se encontrando o Triunfo e a Desgraça és capaz de encarar com o
mesmo ânimo estes dois impostores
Se tens alma para ouvir a verdade que proferiste falseada por
malandros que com ela procuram enredar os tolos,
Se tens coragem para ver despedaçarem-se as coisas que mais amas
e, ainda para juntar os destroços e reconstruir com instrumentos
imperfeitos, o que delas restar...
Se és capaz de amontoar os teus bens todos, jogá-los num lance de
cunha ou coroa, perdê-los e depois recomeçar tua vida; sem jamais
dizer palavra sobre tua perda,
Se és capaz de obrigar teu coração, teus nervos, teus músculos, a te
obedecerem, ainda quando estiverem completamente exaustos, e de
perseverarem na tarefa iniciada, quando já nada mais em ti existir,
senão a tua vontade que manda prosseguir
Se podes estar entre as multidões sem perder tua personalidade e
caminhar de par com os reis, sem perder tua noção de humanidade
comum
Se nenhum inimigo, nenhum carinhoso amigo te pode causar dano
algum
Se todos os homens confiam e esperam em ti, embora não confiem
cegamente,
Se és capaz de encher cada inexorável minuto com sessenta
segundos de trabalho acabado:
Então a Terra será tua com tudo o que ela encerra e, mais ainda
serás um ser humano sábio, meu filho!

Considerações finais

Ao finalizar o livro com o poema de Rudyard Kipling, Pimentel (1923) deixa como mensagem uma das maiores liberdades: a capacidade de governar seus próprios instintos. Ou seja, de se governar. De colocar em questão os próprios pensamentos e atos. O desafio consiste na promoção de tempos que libertam. Para Santos (2008), a subjetividade ou identidade de uma pessoa ou grupo social num dado momento é constituída por uma constelação de diferentes tempos e temporalidades, alguns modernos, outros não modernos, alguns antigos, outros recentes, alguns lentos, outros rápidos, os quais são ativados de modo diferente, em diferentes contextos ou situações, diante da "distribuição" do conhecimento.

A concepção de uma solidariedade entre as épocas, entre presente e passado, impulsiona o texto à contemporaneidade. Conhecer uma parte da educação especial pela imersão ao passado, diante do manual didático *Postillas Pedagógicas*, oferece possibilidades de críticas, como também algumas das potencialidades de um período na história da educação deste Estado, pois existe o distanciamento face à vivência no presente. Indica-se um futuro para o passado por meio da provocação de imagens e subjetividades desestabilizadoras da qual discorre Santos (2008). As imagens se materializaram nas histórias de sofrimentos, de exclusão, segregação. As subjetividades, entretanto, estão vivas ao clamar e provocar movimentos em prol de uma educação para todos. Elpídio Pimentel foi um dos que fez uso da linguagem discursiva para discorrer e defender a educação especial.

Embora se verifique uma linguagem de segregação, separação entre normais e anormais, não se pode desconsiderar que, naquela época, a humanidade deu um grande passo em direção à democracia, à ampliação (por meio de uma linguagem ocidental) de um começo de dignidade humana ao inserir a educação profissional para os considerados anormais.

Uma vez que a cultura europeia estava incrustada nas políticas, nas linguagens, nas práticas que determinavam modos de organização social, (mesmo que no centro europeu os percursos históricos de constituição de si tenham sido outros) naturalizavam-se, no Brasil, "práticas de imitação" que, utilizadas em contextos distintos, implicaram o pagamento de um altíssimo preço, ou seja, a formação social de um povo obscurecido pelo reconhecimento de si.

Se com os povos indígenas ou com as classes populares, e mesmo com os afro-brasileiros, os processos de resistência possibilitaram modos de vir a ser, em relação a alguns grupos dos considerados ortofrênicos a resignação diante das muralhas talvez tenha sido sua forma de sensibilizar e provocar movimentos em prol de uma sociedade emancipada pelo conhecimento, onde não mais estariam excluídos. E, certamente, o professor Elpídio Pimentel, sensibilizado e com todo seu notório saber, impulsionou processos emancipatórios.

Referências

- ARENDDT, H. 1995. *A condição humana*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- BASTOS, M. H. C. 2006. Uma biografia dos manuais de história da educação adotados no Brasil (1860-1950). In: *CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*, 6., 2006, Uberlândia. Anais... p. 334-349. Disponível em: <<http://www2.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/28MariaHelenaCamaraBastos.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2013.
- BLOCH, M. 2001. *Apologia da história* ou O ofício do historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- ESPÍRITO SANTO (Estado). 1922. *Relatório de Nestor Gomes*. Disponível em: <<http://www.ape.es.gov.br/index2.htm>>. Acesso em: 23 maio 2012.

- FREIRE, A. M. A. 1993. *Analfabetismo no Brasil: da ideologia da interdição do corpo à ideologia nacionalista, ou de como deixar sem ler e escrever desde as Catarinas (Paraguaçu), Filipinas, Madalenas, Anais, Genebras*. 2 ed. São Paulo: Cortez.
- GARCIA, R. A. G. 2010. *A educação na trajetória intelectual de Arthur Ramos: higiene mental e criança problema no Rio de Janeiro, 1934-1949*. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos. Disponível em: <http://www.btdt.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3232>. Acesso em: 15 set.2012.
- KULESKA W. A. 2011. Formação docente na Escola Normal da Paraíba. In: SIMÕES, R. H. S.; CORREA, R. L. T.; MENDONÇA, A. W. P. C. (Org.). *História da formação docente no Brasil*. Vitória: Edufes.
- MEIRIEU, P. 2002. *A pedagogia entre o dizer e o fazer: a coragem de começar*. São Paulo: Artmed.
- MOREIRA, L. C.; TAVARES, T. M. (2009). O aluno com necessidades especiais do ensino médio no Município de Curitiba: indicativos iniciais para as políticas públicas. In: BAPTISTA, C. R.; JESUS, D. M. de. *Avanços em políticas de Inclusão: o contexto da educação especial no Brasil e em outros países*. Porto Alegre: Mediação. p. 191-203.
- MORIN, E. 2001. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 4. ed. São Paulo: Cortez.
- PIMENTEL, E. 1923. *Postillas Pedagógicas*. Vitória: [s.n.],
- SANTOS, B. S. 2008. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. 2. ed. São Paulo: Cortez.
- SCHWARTZ, C. M. 2008. Ensino da leitura no Espírito Santo (1911-1930): uma análise das concepções de leitura, de texto e de linguagem. In: *CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*, 5., 2008, Aracajú. [Anais...]. Aracajú: Universidade Federal de Sergipe.
- SILVA, V.; CATANI, D. 2009. *Memória e história da profissão dos professores: as representações sobre o trabalho docente nos manuais pedagógicos*. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2009/10/343o-Ana-Maria-_7_1.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2011
- VEIGA, C. G. 2009. *A civilização das crianças pela escola (Brasil, Século XX): questões teóricas e conceituais*. In: *SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSO CIVILIZADOR*. 12. Recife. [Anais...]. 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais12/artigos/pdfs/mesas_redondas/MR_Veiga.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2013.
- ZAZZO, R. 2010. *Alfred Binet*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4661.pdf>>. Acesso em: 9 jun. 2013.